



PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DOS PACIENTES DIAGNOSTICADOS COM HIV NO BRASIL NA DÉCADA 2006-2015.

João Paulo Teixeira da Silva (1); Augusto Catarino Barbosa (2).

(1) *Universidade Federal do Rio Grande do Norte, joao-pauloteixeira@hotmail.com;*

(2) *Universidade Potiguar, augustob93@gmail.com*

Introdução:

A década de 1980 foi marcada pelo surgimento e pela rápida difusão do vírus da imunodeficiência humana/síndrome da imunodeficiência humana (HIV/aids), o qual logo se caracterizou como um importante problema de saúde pública, dado o seu poder de letalidade e o baixo nível de domínio sobre o agente etiológico naquela época.

No Brasil, a estimativa era de 830.000 [610.000 – 1.100.000] indivíduos em 2015, sendo calculado que cerca de 0,39% da população geral esteja vivendo com HIV no Brasil. Desde a identificação do primeiro caso, em 1980, até 2016, já foram identificados 842.710 casos da doença. Nos últimos 10 anos, a taxa de detecção de aids no Brasil sofreu uma elevação de cerca de 2% (PINTO, 2007; BRASIL, 2013).

Frente a essa problemática, esse trabalho tem como objetivo descrever o perfil dos pacientes diagnosticados com HIV no Brasil, na década 2006-2015, possibilitando avaliar quais os grupos mais infectados por este vírus e permitindo montar estratégias de prevenção com foco na população de maior risco.

Metodologia:

Trata-se de uma análise estatística descritiva dos dados presentes nos bancos de dados sobre pacientes com HIV/AIDS, nas cinco regiões da nação e durante a década 2006-2015. Foram analisadas informações dos seguintes bancos de dados: Sistema de Informação de Agravos de Notificação, Sistema de Informação sobre Mortalidade, Sistema de Controle de Exames Laboratoriais da Rede Nacional de Contagem de Linfócitos CD4+/CD8+ e Carga Viral e Sistema de Controle Logístico de Medicamentos. Foram analisadas as variáveis: sexo, orientação sexual, faixa etária, grau de instrução, uf de residência e ano de diagnóstico.



Resultados e discussão:

Tabela 1 – Série histórica dos casos diagnósticos por HIV no Brasil de 2006 a 2015, considerando a idade, orientação sexual e faixa etária.

	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	Total	% de cresciment o 2006/2015
Sexo												
Masculino	22.127	22.961	24.376	24.584	24.880	26.352	26.357	27.407	27.062	26.516	252.622	119,84%
Feminino	15.005	15.193	16.114	15.771	14.988	15.479	15.064	14.847	13.929	12.579	148.969	83,83%
TOTAL	37.133	38.163	40.508	40.368	39.872	41.845	41.429	42.266	41.007	39.113	401.704	105,33%
Orientação Sexual												
Homossexual	2.889	3.254	3.631	4.036	4.450	4.932	5.398	5.544	5.176	4.583	43.893	158,64%
Bissexual	1.429	1.380	1.406	1.421	1.469	1.590	1.509	1.534	1.352	1.131	14.221	79,15%
Heterossexual	15.106	15.080	16.092	16.245	16.542	16.943	16.747	16.387	14.177	11.644	154.963	77,08%
UDI	1.584	1.415	1.305	1.253	1.155	1.099	950	857	686	575	10.879	36,30%
Hemofílico	13	10	12	7	7	6	8	5	5	7	80	53,85%
Transfusão	27	16	9	13	7	7	8	4	6	4	101	14,81%
Acid. Material Biológico	2	0	0	2	1	5	2	2	0	0	14	0,00%
Transmissão												
Vertical	564	586	618	560	562	522	539	467	431	334	5.183	59,22%
Ignorado	15.519	16.422	17.435	16.831	15.679	16.741	16.268	17.466	19.174	20.835	172.370	134,25%
TOTAL	37.133	38.163	40.508	40.368	39.872	41.845	41.429	42.266	41.007	39.113	401.704	105,33%



Faixa Etária

< 1 ano	303	288	279	265	268	281	222	199	212	199	2.516	65,68%
01-04	387	329	344	322	302	212	274	250	212	182	2.814	47,03%
05-09	299	277	241	208	196	165	122	119	120	96	1.843	32,11%
10-14	190	221	236	202	172	178	157	133	117	88	1.694	46,32%
15-19	593	584	688	674	670	763	850	952	1.000	951	7.725	160,37%
20-29	8.056	8.239	8.856	8.895	8.920	9.379	9.542	9.981	9.807	9.546	91.221	118,50%
30-39	13.155	13.288	13.571	13.590	13.018	13.869	13.417	13.402	12.867	12.165	132.342	92,47%
40-49	9.362	9.633	10.267	10.099	10.031	10.433	10.071	9.995	9.468	8.771	98.130	93,69%
50-59	3.535	3.937	4.472	4.463	4.677	4.789	4.899	5.130	5.109	5.028	46.039	142,23%
60-69	1.026	1.075	1.268	1.358	1.305	1.402	1.495	1.681	1.657	1.683	13.950	164,04%
70-79	198	258	242	255	277	326	314	353	363	342	2.928	172,73%
80 e mais	29	34	43	37	36	48	54	60	71	62	474	213,79%
TOTAL	37.133	38.163	40.508	40.368	39.872	41.845	41.429	42.266	41.007	39.113	401.704	105,33%

Fonte: SINAN, SIM, SISCEL – DATASUS.

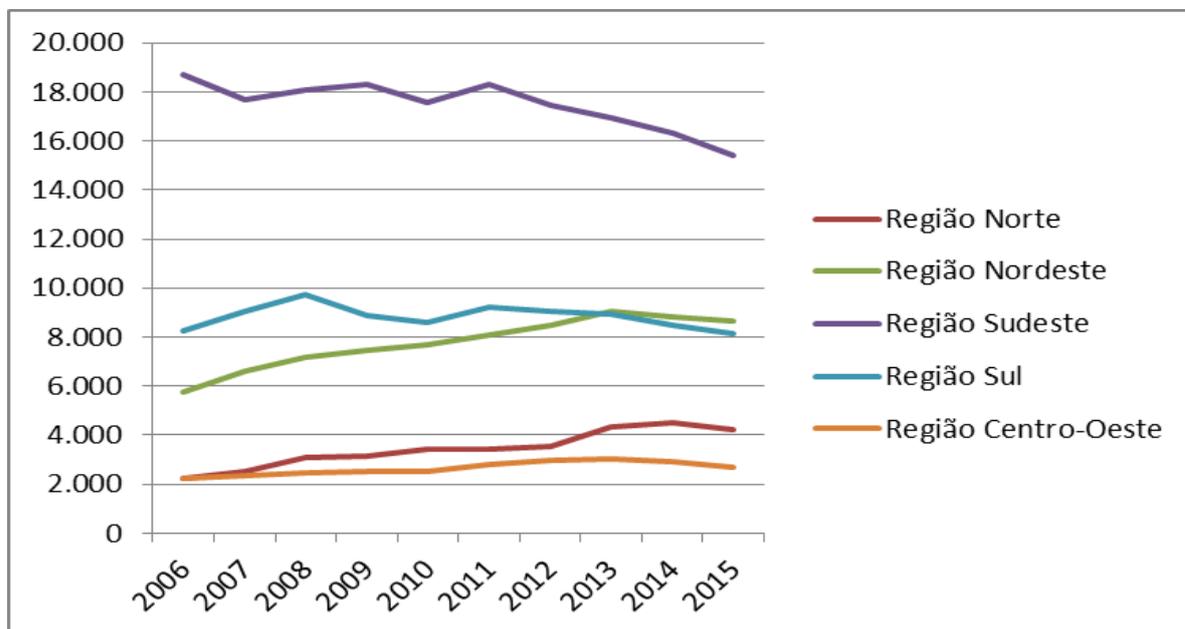
(83) 3322.3222

contato@conbracis.com.br

www.conbracis.com.br



Gráfico 1 – Série histórica de 2006 a 2015 do diagnóstico de novos casos de HIV no Brasil, por regiões geográficas.



Fonte: SINAN, SIM, SISCEL – DATASUS.

No Brasil, muito embora haja investimento governamental na prevenção e diagnóstico da AIDS, estima-se que apenas 80% dos casos tenham sido diagnosticados (BRASIL, 2013; BRASIL, 2012). Na década em análise, observa-se que a taxa de incidência aumentou bruscamente em algumas regiões.

De acordo com a série histórica e comparando o ano de 2006 com 2015, é possível observar que houve um aumento de quase 20% (19,8%; 4.389) dos diagnósticos em homens, enquanto as mulheres apresentam uma diminuição na mesma escala (17%; 2.426). Há um aumento em indivíduos homossexuais de 58,6% (1.694), enquanto os bissexuais e heterossexuais apresentaram uma diminuição de mais de 20% (21,9%; 298, 22,9%; 3.462), semelhante aos achados de Schuelter-Trevisol em 2013.

A faixa etária que mais apresentou crescimento foi a entre 60 e 69 anos (64,1%; 657), seguida da faixa de 15 e 19 anos (60,3%; 358). O predomínio de casos encontra-se no sexo masculino de 20 a 39 anos, que representou 35,6% (143.246) do total de diagnósticos na década. A região Norte apresentou um aumento de 88,1% (1.970) nos casos, seguida da região Nordeste com aumento de 50,5% (2.908). Comportamento diferente da região Sudeste que apresentou uma redução de 17,6% (3.284) casos na paralelo entre ano de 2006 e 2015.



Conclusões:

Apesar do constante investimento do Ministério da Saúde em estratégias a fim de conscientizar a população sobre os métodos de prevenção do HIV, os dados revelam que houve um aumento significativo do número de casos na década. Não obstante, as duas regiões onde mais havia contaminação pelo vírus no início da década apresentaram queda considerável ao final da análise, mesmo comportamento observado nas infecções em indivíduos do sexo feminino e nos grupos de bissexuais e heterossexuais.

Deste modo, é evidente o sucesso das campanhas governamentais para algumas populações, entretanto, nota-se a necessidade de alcançar de maneira mais efetiva as habitantes das outras regiões, bem como os indivíduos que se relacionam com pessoas do mesmo sexo. O investimento na sensibilização do público mais exposto reduz sobremaneira os custos de tratamento, bem como o agravamento do quadro clínico, que a infecção provoca em seus portadores, além de ser um dos princípios do SUS.

Referências:

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais. **Boletim Epidemiológico Aids-DST**. Brasília: 2010.

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Boletim Epidemiológico – Aids e DST**. Ano VIII. Nº 01. Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais. Brasília-DF, 2012.

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais. **Boletim Epidemiológico HIV - AIDS**. Brasília: 2013.

PINTO, A.C.S. et al. Compreensão da pandemia da aids nos últimos 25 anos. **DST-J Bras Doenças Sex Transm**, v. 19, n. 1, p. 45-50, 2007.

SCHUELTER-TREVISOL, F. et al . Perfil epidemiológico dos pacientes com HIV atendidos no sul do Estado de Santa Catarina, Brasil, em 2010. **Epidemiol. Serv. Saúde**, Brasília , v. 22, n. 1, p. 87-94, mar. 2013